

CAMILA SOSA VILLADA

A NAMORADA DE SANDRO

Da autora de
O parque das
irmãs magníficas



TUSQUETS
EDITORES

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

CAMILA SOSA VILLADA
A NAMORADA DE
SANDRO

TUSQUETS
EDITORES

Tradução

Joca Reiners Terron

TUSQUETS
EDITORES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Camila Sosa Villada, 2015
Copyright © Tusquets Editores, S.A., 2020
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright da tradução © Joca Reiners Terron, 2024
Todos os direitos reservados.
Título original: *La Novia de Sandro*

Preparação: Mateus Duque Erthal
Revisão: Débora Dutra Vieira
Projeto gráfico: Jussara Fino
Diagramação: Márcia Matos
Capa: Adaptada do projeto gráfico original de Compañía
Imagem de capa: Paula Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

| | |
|---|-----------|
| Villada, Camila Sosa A namorada de Sandro / Camila Sosa Villada ; tradução de Joca Reiners Terron. – 1. ed. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2024. 96 p. ISBN 978-85-422-2716-1 Título original: La Novia de Sandro 1. Literatura argentina I. Título II. Terron, Joca Reiners 24-1961 | CDD Ar860 |
|---|-----------|

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura argentina



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 - 4º andar
Consolação - 01415-002 - São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Sou uma negra* de merda, uma ordinária, uma marginal, navalha na liga, o mundo é grande demais para mim, o tempo se arrasta para mim, as sedas não me caem bem, o respeito é imenso demais para mim, sou negra como carvão, como lama, como pântano, sou negra de alma, de coração, de pensamento, de nascimento e destino. Sou uma vadia, uma desclassificada, uma desterrada, uma sombra do que poderia ter sido. Sou miserável, malaca, deslocada, nunca sei como sorrir, a melhor postura, como aparecer, sou um vazio sem fundo onde a esperança e a poesia desaparecem, sou um passo à beira do precipício e o espírito me alça por um fio. Quando chego a algum lugar, todos se

* Na Argentina, “negra” ou “negro”, a despeito de poderem ser palavras profundamente pejorativas, e como o próprio texto expõe, não se referem exclusivamente à cor da pele, estendendo-se à baixa classe social, ao crime (ladrões e punguistas), a habitantes de “villas” (favelas) e demais tipos socialmente marginalizados. (N.T.)

afastam, e como boa negra que sou, me aproximo do fogo
e reluzo, com um brilho incomum, como uma armadilha,
como se o próprio mal se depositasse em meus lampejos.

TUSQUETS
EDITORES

Nunca soube ao certo se deveria odiar ou amar os homens. Por muitos anos, eles foram os que mais me entristeceram, mas também (e ao escrever isto, me dá água na boca) os que mais alegria proporcionaram a estes músculos cheios de estrogênio. Eu os amava por suas panturrilhas, a parte mais sexy de seu corpo. Pela pelagem que cobria sua pele, por suas mãos que apertavam meus peitos de mezzo-soprano que entoavam baladas à maneira de Ginamaría Hidalgo; pela força deles e pela maneira como dominavam todo o meu pensamento com um toque distraído.

Eu os odiava pela extensão de sua imaginação, pobre e opaca. Por seu espírito mendicante, sua mente literal. Sempre foram de entrega mesquinha e fugidios. Jogavam fora minha solidão barata e marginal, minha entrega de animal sem patrão, e partiam com um gesto de abandono que me lembrava a mim mesma, deixando-me morrer dessa tristeza

tão anos noventa com a qual enfrentava a vida. Faziam com que eu me sentisse a mais feia de toda a região, mas disso não posso acusá-los somente a eles.

E eu, sempre despetalando flores envenenadas, bem-me-quer, malmequer, com a dignidade pelo chão, amando suas pernas de caçador e seus olhares sombrios, sua des preocupada beleza de animal das montanhas. E meu ventre cantava de júbilo se eles me dedicavam um olhar, e minha saliva adocicava apenas por tê-los por perto.

No final, distraí-me e preferi a companhia de minhas amigas, das bichas que enfeitam minha vida. Nesta idade, nem amor nem ódio reservo para esses protomachos. Nem desejo nem paixões para os centauros de frágil testosterona. Sempre mal-humorados, apóstatas da comunicação, com esses presentes rachados que trazem como oferendas a nossos pés, assim como um gato presenteia sua dona com um rato morto.

Não é que essa distância seja irreconciliável, mas conheço os homens. Eu mesma costumava ser um.

Este é o elogio à minha feiura,
à sua mão calejada e sua axila escura.

Este é o elogio ao meu corpo que perambula
para fugir da memória.

Este é um canto ao meu nariz quebrado, às minhas mãos
de anão, à sombra nigromante da minha barba.

Este é um sacrifício às minhas tetas adolescentes,
às maçãs de meu rosto de índia mansa,
aos meus lábios secos.

Aos caninos desgastados pela raiva, às minhas unhas
rachadas,

ao meu sexo sempre às escuras.

Estas são as últimas palavras de uma amante condenada,
uma conversa com algum deus que tem
tempo de sobra.

(Helsinque)

É necessário agradecer ao homem que teve a ideia
de instalar um banco diante do mar.

E ao operário que o ancorou ao cimento da calçada
e talvez tenha suspirado ao concluir seu trabalho

e olhou a paisagem que agora contemplo:

o mar Báltico e os barcos que o cruzam.

E o templo que essas mãos construíram,
às quais prestamos homenagem.

As mãos que pegaram as ferramentas,

cavaram a terra, plantaram árvores,

e recolhem as folhas quando o frio começa,

sem queimá-las jamais, deixam-nas voltar à terra.

Guardei do mundo este apartamento
que se volta para o leste,
no último andar de um edifício do centro.
A brisa sopra constantemente e não permite
que os maus espíritos permaneçam por tempo demais.
Procurei esta casa, com cortinas e vestidos estampados,
meias de renda preta e saltos altos.
Aqui, e em nenhum outro lugar, estou a salvo.
Este é meu covil, decorado e cuidado por sua própria dona,
com as fotografias, os livros, os aromas de travesti
que tenta se acalmar de suas antigas batalhas.
Já pareceu impossível que uma pessoa pudesse criar
a felicidade
como se cria uma obra de arte.